

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Movimento estudantil na cidade de Uberlândia-MG
no período de 1980 a 2002.

3395

3.9
(c)

GONÇALVES JÚNIOR

JÚLIO GOIÑÇALVES JÚNIOR

Movimento estudantil na cidade de Uberlândia-MG
no período de 1980 a 2002.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Alcides Freire Ramos.

Uberlândia, setembro de 2006

JÚLIO GONÇALVES JÚNIOR

Movimento estudantil na cidade de Uberlândia-MG
no período de 1980 a 2002.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos (orientador)

Prof. Ms. Christian Alves Martins (examinadora)

Prof^a. Ms. Daniela de Souza Reis (examinadora)

DEDICATÓRIA

Somente através do amor, determinação e fé se consegue realizar um trabalho como esse.

ENTREGO A DEUS MAIS ESTE CAMINHO E OFEREÇO TODOS OS MEUS MOMENTOS DE FÉ, ALEGRIA E DEDICAÇÃO RECEBIDA PELAS FORÇAS DE:

Meus pais queridos Júlio e Delma, pelo amor constante, pela paciência, pela perseverança em educar e formar homens de bem, pois se não fosse o seu amor e entusiasmo esse trabalho não estaria sendo concluído.

Aos meus irmãos, Flávio Marques e Flávio Gonçalves pelo carinho e apoio que sempre me dispensaram.

Aos meus filhos Lucas e Mateus, que me enchem de alegrias com suas presenças ao meu lado.

Em especial a minha Esposa Patrícia, que desde de já agradeço todos momentos maravilhosos que passamos juntos, mesmo com a falta de tempo.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Alcides Freire Ramos, pela sua dedicação em ajudar o aluno, pelo seu profissionalismo, brilhantismo e sabedoria na qual contribuiu com dedicação para a realização desse trabalho e a todos os professores do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Ao Secretário do Curso de História João Batista que não mede esforços para contribuir com aluno.

Aos técnicos do laboratório de informática do bloco H, André e Gilson, pela séria dedicação e entusiasmo para ajudar os alunos menos qualificados na arte de lidar com a informática. Continuem assim, pois a Universidade precisa de profissionais dos vossos quilates.

Obrigado a todos.

“Caminhando e cantando e seguindo a canção Somos todos iguais braços dados ou não. Nas escolas, nas ruas, campos, construções Caminhando e cantando e seguindo a canção”.

Geraldo Vandré

Sumário

Introdução	09
Capítulo 1. Formação da UNE e suas dificuldades	11
Capítulo 2. A repressão não conseguiu derrubar a UNE	21
Capítulo 3 Uberlândia e Movimento Estudantil	29
Considerações Finais	39
Bibliografia	40
Fontes	41
Anexos	43

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo fazer um panorama do que foi Movimento Estudantil em Uberlândia-MG. Para isso fez se necessário buscar uma avaliação geral do que foi o Movimento a nível nacional e como foi a reconstrução da União Nacional dos Estudantes, só depois pude partir para o particular que é o Movimento em Uberlândia.

O trabalho traz quase todos os problemas vividos pelos estudantes a nível nacional e como eles tiveram que fazer várias manobras para conseguir driblar o regime militar sob o comando de Generais que não dava nenhuma oportunidade para idéias contra-militares.

Nesse contexto de violência e luta pela democracia esse trabalho reflete também a nível local o que foi feito em Uberlândia para que os estudantes pudessem fazer para ter os seus direitos.

Como não obtive resposta dos personagens os quais quis entrevistar, trago algumas entrevistas que nos dão uma idéia do que foi o Movimento Estudantil em Uberlândia, onde relataram o que passaram e o que faziam naquela época, enfim, esse trabalho resgata um pouco da história dos estudantes durante a luta pela democratização e pelo ensino público no país.

Introdução

O movimento Estudantil estudado no Brasil, surgiu da dificuldade que os estudantes tinham de conseguir lutar a favor dos seus direitos, isso foi visto durante todo o trabalho, os embaraços e as manobras foram muitas para se chegar ao que temos hoje.

Neste trabalho usei como base algumas entrevistas que, na maioria das vezes, não me satisfaziam, uma vez que eu não ouvia o que queria e tive, portanto, de procurar outros militantes da época.

Para que esse trabalho ficasse pronto tive que buscar aspectos estruturais, procurando analisar cada momento vivido pelo estudantes de várias cidades do Brasil, uma vez que em cada reunião era deliberado assuntos que pudessem mudar muitas coisas dentro das universidades.

Então, para que esse trabalho se tomasse um verdadeiro histórico do Movimento Estudantil, procurei demonstrar no primeiro capítulo como a União Nacional dos Estudantes nasceu e como ela se formou ao longo do tempo. A UNE teve como bandeira desde seu princípio a democracia e para isso sempre lutou pela educação e política social.

Ainda no primeiro capítulo mostro como a União Nacional dos Estudantes, em meados dos anos 60, passou por grandes dificuldades, pois os militares os perseguiram sem piedade. E mostro, também, como e quando aconteceu a condenação da UNE à ilegalidade pelo governo militar, um governo marcado por atos de repressão, tortura, morte.

Mostro que mesmo com toda a repressão os estudantes continuavam militando em vários congressos, e essas manifestações também eram contra a influência que os Estados Unidos tinham sobre o Brasil, e a sua bandeira era a democracia e respeito à educação. Demonstro que estudantes, devido à

repressão, tinham que fazer suas manifestações rapidamente em locais escondidos onde poucas pessoas sabiam. Essa luta foi diária e com muito sangue.

Ainda nesse momento do trabalho mostrei como eram as reuniões dos estudantes e quais eram os seus ideais.

Depois, em um segundo momento, o trabalho consiste em falar um pouco da reconstrução da UNE e como José Serra instaurou o XXXI Congresso da UNE, que tinha como ideal a discussão sobre a reconstrução da UNE, a entidade que o regime militar em 31 de março 1964 considerava ilegal.

A reunião aconteceu em 1979 em Salvador-BA, e não preocupou a elite naquele momento. Vários assuntos foram debatidos naquele dia entre eles a liberdade sindical e melhores salários. Naquela época a UNE ainda era considerada ilegal, mas mesmo assim ainda conseguiu, por meio dos estudantes, se reestruturar.

Foi o congresso baiano que deu início a nova trajetória da UNE, porém não foi com tranquilidade que isso aconteceu. Os estudantes estavam em festa porque iriam honrar a dignidade dos companheiros mortos. Esse capítulo também teve como idéia básica mostrar as lutas sociais que influenciaram a democracia no país, lutas contra a violência e a repressão e mostrar, principalmente, o movimento de dez mil estudante ansiosos por mudar um país que estava trancafiado dentro de um regime autoritário cheio de idéias contra o povo.

Capítulo I

Formação da UNE e suas dificuldades

O Movimento Estudantil foi uma agitação de abrangência nacional, ele tem o seu início com o Conselho Nacional dos Estudantes em 1937, e a sua bandeira de luta era a democracia, pois sempre lutou pela educação pública e uma política mais clara e democrática possível. Ela tem grande passagem pela história, pois esteve sempre ligada a importantes acontecimentos nacionais como o Estado Novo de Getúlio Vargas, a Segunda Guerra Mundial e a defesa do petróleo nacional.

Os estudantes brasileiros insatisfeitos com a situação que estavam vivendo se inseriram em movimentos estudantis para lutar por vários problemas pelos quais o país estava passando, e percebemos que essa luta estava organizada não apenas para preocupações específicas referentes a reforma educacional, eles estavam, também, preocupados com os rumos que o país estava seguindo em vários momentos e principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, onde o Brasil estava tomando caminhos que não queriam que tomasse, uma vez que essa diretriz que o governo estava querendo traçar para o país não era bom para o povo brasileiro.

Neste contexto, Ana Amélia Carneiro de Mendonça¹ forma o primeiro Conselho Nacional dos Estudantes, já mencionado, para que eles pudessem se reunir e pensar sobre questões políticas, sociais e econômicas. Com aumento do número de estudantes, esse conselho tem sua estrutura mudada e algum tempo depois ele se torna a UNE (União Nacional dos Estudantes), naquele momento, subordinada a Casa do Estudante do Brasil.

Os estudantes nesse período estavam preocupados com uma sede própria, só conseguida depois de grandes lutas e quando, o então presidente

¹ OLIVEIRA, Soraia Martins de.

Getúlio Vargas, com intuito de conquistar os estudantes, os auxiliou doando um antigo prédio do grupo Germânico na Praia do Flamengo no Rio de Janeiro para que lá pudessem se instalar com sua sede própria.

Por não concordar com o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases que tinha, dentro de suas mudanças, um item que acabaria com o ensino público gratuito, todas as universidades e escolas estavam caminhando para se tornarem privadas. Junto com essa luta contra a privatização a UNE também se opunha contra as políticas nacionalistas. Nos anos 60 os estudantes começaram a se reunir com mais frequência para reivindicar reformas dentro do sistema educacional que era um sistema antigo, a UNE se dividia em algumas frentes políticas como a Ação Popular conhecida como AP, uma dissidência de esquerda da Juventude Universitária Católica a JUC.

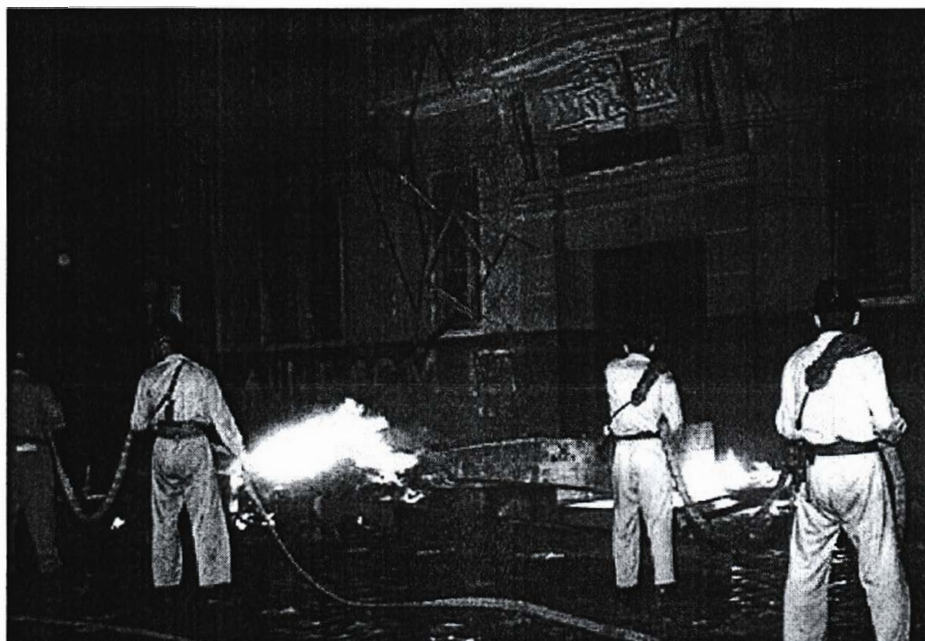
Segundo Oliveira², foi exatamente nessa época de poder que foi criado o Centro Popular de Cultura – CPC. Esse CPC, segundo ela teve relação direta com a Ação Popular. O CPC tinha como objetivo mostrar a realidade que o país estava passando naquele momento com projetos como música, literatura, cinema, teatro e outros. O trabalho que o CPC fazia era de grande valia, uma vez que ele era um dos poucos veículos que a UNE tinha para divulgar suas idéias políticas e esse caminho por meio da arte era uma forma que a UNE tinha para “camuflar” as suas idéias e levá-las ao povo. Como o CPC tinha idéias que agradavam a UNE esta por sua vez, cedeu ao CPC um auditório para que pudessem funcionar e administrar suas peças de teatros, músicas, artes plásticas, literatura, arquitetura, etc.

A União Nacional dos Estudantes, em meados dos anos 60, começou a passar por grandes dificuldades, pois os militares iniciaram uma verdadeira perseguição contra os eles. Em 31 de março de 1964³ a UNE foi condenada à ilegalidade pelo governo militar, um governo marcado pela sua repressão, tortura, mortes, violência e causadores de vários desaparecimentos. Essa fase,

² OLIVEIRA, Soraia Martins de. Op. Cit. P13

³ Revista da UNE

portanto, foi uma das piores que a União Nacional dos Estudantes passou, pois nesse momento, o Comando de Caça aos Comunistas liderado por militares incendiaram a sede da UNE por considerá-los subversivos. Nesse momento não só a UNE foi destruída, mas todas as outras entidades estudantis foram fechadas por lei.



(01.04.64)

Bombeiros controlam o fogo após incêndio do prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE) promovido pela ditadura militar, em 10 de abril de 1964

Foto: O Globo

Mas, isso não durou muito tempo e os estudantes já estavam nas ruas manifestando se mesmo que na ilegalidade. Os movimentos estudantis após a morte de um estudante secundarista começaram a pipocar por todo o país. Mesmo sem o prédio da UNE eles estavam sempre se reunindo em casas, pensões, praças e até na faculdade.

Não só com pancadaria o governo militar tentou acabar com a UNE, outra estratégia repressora foi a promulgação da Lei Suplicy de Lacerda⁴ que veio disciplinar várias normas para a reorganização das universidades, ainda

⁴ POERNER, José Artur. *O Poder jovem: História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros*. 4 ed. São Paulo: Centro de memória da juventude, 1995, p. 352; como também: Lei Suplicy nº 4464, de 09 de novembro de 1964, p. 240

nesse momento a UNE foi trocada por um Diretório Nacional dos Estudantes que era regido pelo regime militar.

Os membros da UNE não abaixaram a cabeça e foram a luta contra a Lei Suplicy, se organizando na clandestinidade e fazendo pesquisa para saber de quantos alunos teriam apoio para fazer um grupo de reação e agir na ilegalidade, essa pesquisa teve como resultado a aceitação de vários estudantes e com isso o boicote a nova lei já estava lançado. Para frear as reuniões e acabar com os congressos clandestinos dos estudantes a polícia agia com violência para reprimi-los.

Como qualquer outra organização os estudantes também começaram a discutir entre si, e as divergências e radicalização foram acontecendo dentro do Movimento.

...”As primeiras organizações políticas que atuam dentro dele são: Ação Popular (AP) do MCD; Política Operária (POLOP); e a chamada Dissidência PCB, preconiza-se um estopim, para que o movimento estudantil posse da radicalização das palavras à radicalização dos atos. E ocorreram dois: a morte do estudante Edson Luís Lima Souto, assassinado no restaurante Calabouço, em março de 68, e a rebelião dos estudantes europeus que de coloração política/Ideológica, uniram-se na condenação do Sistema...”⁵

Nem sempre a União Nacional dos Estudantes passou por momentos de angústia, de falta de incentivo, pois houve um tempo em que os estudantes tiveram novamente o apoio do governo e em 1984 começaram as mudanças. No início das Diretas Já, queriam a legalização da UNE e o Presidente José Sarney assina essa legalização mostrando que os jovens estudantes têm

⁵ VENTURA, Zuenir. 1968 O ano que não Terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1988.

idéias novas e muita importância nas causas sociais. A partir desse momento todos os atos da UNE eram feitos com mais tranquilidade. A UNE nos anos 80 passa a sofrer várias críticas que ao nosso entender estavam ligadas ao fato de que os estudantes não tinham mais vontade de lutar como anteriormente.

Durante os anos 60 houve diversas manifestações no Brasil, ao analisarmos o ano de 1968 percebe-se que foi um ano de maior agitação no campo político e social, os anos 60 foram uma época onde a tecnologia avançava muito rapidamente e a juventude estava buscando novas formas de viver. Depois de analisar todo o contexto dos anos 60 os jovens se rebelaram contra a sociedade moralista em que viviam e começaram a desafiá-la, primeiramente, dentro de casa ao romper com as imposições colocadas pelos pais, depois quebrando regras nas ruas, manifestações nas escolas e nas igrejas.

O modo de se vestir das pessoas eram outros, onde inclusive as mulheres deixaram de usar saias com anáguas e passaram a usar calças jeans. O uso da Pílula Anticoncepcional marcou o início de uma nova era para a sexualidade feminina. A revolução na música aconteceu com as preferências pelo Rock.

No caminhar dos anos 60 vemos que esses movimentos estudantis foram mais intensificados, notadamente, a partir de 1968 onde a crítica as universidades tomaram dimensões que ultrapassaram o âmbito das universidades chegando às ruas. Os jovens começaram a se posicionar contra as guerras fora do país. Esse movimento estudantil se fortalecia a medida que a repressão aumentava, onde os jovens se mostravam indignados com a arbitrariedade do governo.

Mesmo com toda a repressão os estudantes continuavam a manifestação com grandes congressos, também, contra a influência que os Estados Unidos tinham sobre o Brasil, principalmente a respeito da educação. Os estudantes por causa da repressão tinham que fazer suas manifestações

rapidamente em locais escondidos onde poucas pessoas sabiam a localização, pois se muitas pessoas soubessem onde eram os espiões do governo podiam reprimi-los com violência. Os congressos não eram feitos de forma diferente e tudo tinha que ser feito matematicamente calculado para que os policiais não ficassem sabendo:

“...30º Congresso seria realizado secretamente. A escolha do local e o esquema de segurança começaram a ser preparados meses antes. Além do sítio de Ibiúna haviam três opções de locais: dois outros sítios no interior de São Paulo ou Praia Grande, no litoral paulista. A idéia era espalhar, pelos quase 60 km da Praia Grande, barracas onde grupos de delegados debatiam os temas e escolhiam um representante que participaria da reunião final, em uma barraca maior ”⁶

Depois que a população percebeu o quanto os estudantes estavam sendo perseguidos pela polícia, eles passaram a apoiar o movimento de forma mais atuante principalmente depois da morte do estudante Edson Luis⁷, pois esta morte foi um marco no movimento e este foi assumido pela população demonstrando a sua indignação pela morte do estudante.

“A morte de Edson Luis catalisou a indignação popular reprimida e resultou em demonstrações de massa que assumiram proporções de verdadeira rebelião social. Uma coisa leva a outra. Colegas enfurecidos carregaram o corpo do estudante até a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, onde permaneceu exposto sobre a guarda de representantes políticos e líderes estudantis. A notícia espalhou-se rapidamente, e em uma pequena multidão em frente ao prédio da assembléia convocou a população a

⁶ Revista Une Página 11

⁷ Edson Luis foi um estudante secundarista assassinado no Restaurante Calabouço por ser um estudante de grande atuação no Movimento Estudantil

*comparecer aos funerais no dia seguinte. No dia 29 de março de 1968: a morte do estudante também arrancou uma resposta emocional do resto d população. As circunstancias de sua morte e a brutalidade da polícia em geral foram objeto de ampla atenção da imprensa, levantando sérias questões sobre o processo oficial de liberalização em andamento*⁸

O assassinato de Edson Luis que aconteceu no dia 28 de março de 68, no Restaurante Calabouço no qual o estudante se reunia, frequentemente, com o grupo Frente Unida Dos Estudantes, naquele dia em que foi assassinado, ele teria uma reunião com o governador que se recusava a ter diálogo com os estudantes. As marcas de bala ficaram nas paredes do restaurante, representando de forma clara a violência praticada pelos policiais contra os estudantes. Nas ruas a polícia não agia de forma diferente, uma vez que, inclusive os policiais de plantão, disparavam tiros contra os estudantes quando estes faziam manifestações tendo apenas pedras, pedaços de paus e ferros para se defenderem das potentes armas dos policiais.⁹

⁸ ALVES, M. H. M. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)* Tradução de Clóvis Marques. 5 ed. Petrópolis : Vozes, 1989, p. 117.

⁹ Revista p 9



(28.03.68)

Estudantes velam o corpo de Edson Luís Lima Souto, morto em confronto com a polícia militar durante uma manifestação contra o fechamento do restaurante Calabouço, em 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro.

Foto: O Globo

Após sete quilômetros do trajeto chega-se ao Cemitério, após entrar no Cemitério os estudantes começaram a assoviar o Hino Nacional, e após abaixar o caixão, aproximadamente 50 mil pessoas, ouviram um juramento solene de milhares de jovens dizendo: “Neste luto, começa a luta”, esse momento percebe-se a intolerância.

A polícia e as manifestações pelo Brasil

A violência persistiu e o governo ainda procura reprimir os estudantes:

*“Um mês depois da morte de Edson, o Governo Federal anunciava a extinção definitiva do restaurante calabouço. Nos dias posteriores à morte de Edson sucederam-se as passeatas de protesto e não apenas no Rio, mas também em São Paulo, Brasília, Goiânia, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Curitiba”.*¹⁰

A polícia não respeitava nem a igreja, e isso indignava mais ainda as pessoas. No dia da missa de 7º dia do estudante Edson Luís eles entraram na igreja e agiram de forma enérgica contra os estudantes.

Edson Luis não foi o único estudante morto pela repressão do regime militar, em Goiânia o estudante Ivo Vieira foi morto com um tiro de fuzil na cabeça e um dia depois mais dois estudantes foram feridos gravemente com tiros disparados pela polícia dentro da Catedral, estes estudantes estavam dentro da igreja pedindo ao Arcebispo para celebrar a missa do colega assassinado no dia anterior.

A população já estava cansada de tanta violência praticada pelo regime militar, quatro dias depois da morte do estudante de Goiânia vários seguimentos da sociedade, inclusive profissionais, liberais uniram-se em manifestação de protesto e principalmente contra as mortes devido à violência policial. Essa manifestação ficou nacionalmente conhecida como a “passeata

¹⁰ P. 9 revista

dos 100 mil” e esse protesto foi feito no Rio de Janeiro no dia 25 de junho. Desta vez não houve pancadaria entre manifestante e polícia, porque esta manifestação foi permitida e nesse dia houve uma reunião em praça pública.

Não só a polícia causava tumulto, em outubro houve uma discussão entre alunos de Filosofia da USP e estudantes da Universidade Mackenzie em São Paulo, essa briga resultou na morte do secundarista José Guimarães. Esse conflito teve como arma pedras e ovos podres. Segundo o Jornal Folha de São Paulo de 03 de outubro de 1968 o conflito começou em um pedágio que os alunos faziam para arrecadar fundos para o congresso da UNE e de acordo com o Jornal as armas utilizadas foram bombas de ácido misturado a cal virgem, rojões mais pedras e bодоques.

Em Ibiúna no 30º Congresso Nacional dos Estudantes foram presos quase todos os principais líderes das movimentações, a repressão deste congresso marcou um período de grande repercussão no movimento estudantil, pois com o fechamento de vários locais de reuniões os estudantes viveram um tempo de medo e de silêncio que mais tarde viria a renascer.

Para retornar a luta após esse tempo de medo por causa do congresso de Ibiúna a solução encontrada pelos estudantes foi realizar mini congressos estaduais, esses mini encontros levavam os diretores da UNE a atuarem na clandestinidade usando nomes falsos, eles sempre estavam fazendo encontros em pontos estratégicos.

Os repressores do governo viviam como caçadores atrás de uma presa, pois procuravam DCEs, UEEs, e a própria UNE, qualquer entidade dessa natureza que eles encontravam eram fechadas imediatamente. Qualquer reunião de alunos que demonstrasse atitudes suspeitas já era motivo para a polícia agir de forma repressiva; na revista da UNE um aluno declara “*não havia como se movimentar. A simples colocação de um cartaz contra o ensino pago exigia um cuidadoso esquema de segurança. A repressão era grande todos tinham medo*”

Após a repressão dentro da igreja na missa de 7º dia de Edson Luis e a prisão de várias pessoas que lideravam os movimentos os estudantes se calaram por algum tempo com movimentos bem organizados. As assembleias passaram a ser feitas dentro das Faculdades de História, Arquitetura e Ciências Sociais, essas reuniões tinham como objetivo organizar o Comitê de Defesa dos Presos Políticos, esse CDPP era formado por um departamento jurídico para libertar presos políticos, mas este comitê não durou muito tempo porque foi fechado após ter soltado os estudantes.

Os conflitos entre estudantes e militares eram constantes e envolviam alunos universitários e secundaristas por todo o país, dentre esses movimentos e repressões, temos na história do movimento estudantil um fato que ficou conhecido como “sexta-feira sangrenta”. No dia 22 de junho no Rio de Janeiro entre as manifestações a polícia agredia os manifestantes na rua, e dessa vez os protestantes conseguiram o apoio da população.

Na “sexta-feira sangrenta” o Departamento de Ordem e Política Social o (DOPS) participou de um conflito com os manifestantes e eles usavam armamento de alto calibre e cavalos, essa foi uma das maiores movimentações registradas, com aproximadamente dez horas de manifestação, e o saldo de tanta violência terminou em cinco mortes entre eles, uma de um policial, e também mais de vinte pessoas ficaram feridas gravemente¹¹.

E as manifestações continuaram. Oliveira, diz que no comando das manifestações estavam Vladimir Palmeira e Luis Travassos sendo que a passeata transcorreu de forma organizada e pacífica, desta vez não houve repressão por parte da polícia, talvez pelo número muito grande de manifestantes, caso o governo optasse pela violência haveria um grande massacre.

Para negociar a libertação dos estudantes presos nos dias anteriores foi organizada uma comissão para negociar diretamente com o então presidente

Costa e Silva em Brasília, eles questionaram também a respeito da reabertura do Restaurante Calabouço, o mais interessante era o que estava por trás de tudo, os manifestantes utilizando destas artimanhas estavam colocando-se contra o regime militar.

O DOPS era uma entidade de repressão do mais alto nível de perseguição que havia no regime militar, e quando procuramos informações a respeito dessa entidade achamos informações na internet, no site da Universidade do Rio de Janeiro e achamos relatos de que um novo DOPS atemoriza alguns estudantes no Rio, pois quem imagina que DOPS invadindo universidade para reprimir estudantes é coisa do passado pode rever suas posições. Desde que o senhor José Henrique Vilhena assumiu, contra a vontade da comunidade, a reitoria da UFRJ em 1998, a Divisão de Ordem Política e Social (DOPS) da Polícia Federal já foi acionada três vezes para reprimir manifestações pacíficas dentro do campus da Ilha do Fundão, na zona norte do Rio de Janeiro.

O mais perigoso: a truculência vem aumentando visivelmente a cada episódio. Na primeira invasão, em 1998, acompanhados por tropa de choque da polícia militar e oficiais de justiça, se limitaram a acompanhar a negociação para a desocupação da reitoria. Na segunda ocasião, em 1999, chegaram com ameaças, insultos e provocações. E, na mais recente, no dia 22 de março deste ano, foram até o campus para autuar estudantes que estavam sendo mantidos em cárcere privado pelo corpo de vigilantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por ordem da sub-reitora de pessoal Maria Augusta Temponi. Obrigados a fugir, quando da chegada da polícia, os alunos foram vítimas de ferimentos leves¹².

Ao vermos essas agressões da polícia militar e do DOPS da polícia federal, refletimos para rever como foi a vida dos estudantes em plena ditadura militar, onde quem mandava era a arbitrariedade e a democracia jamais teria

¹¹ VENTURA, Zenir. *1968 O Ano que não Terminou*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988. p134-135.

¹² www.1968.org.br/ingles.html

alguma chance naquele momento, hoje vivemos em um país que se diz democrático e vemos que a repressão ainda está sendo manifestada em alguns lugares no Brasil.

Capítulo II

A repressão não conseguiu derrubar a UNE

Depois de alguns anos que a União Nacional dos Estudantes, presidida por José Serra instaurou, o XXXI Congresso da UNE, este congresso tinha como objetivo a discussão para a reconstrução da UNE, a entidade que o regime militar em 31 de março 1964 considerava ilegal.

Naquele momento maio de 1979 a grande imprensa não deu muita importância àquele congresso que havia acontecido em Salvador-BA, porém foram produzidos alguns editoriais relatando a falta de representatividade.

A falta de preocupação da elite dominante e dos militares era de que não estavam acreditando que a UNE pudesse naquele momento desencadear lutas de grande relevância em um prazo curto, pois já era quase o segundo semestre do ano e não esperavam que os estudantes tivessem condições de realizar algum movimento em pouco tempo. Aquele congresso feito pelo José Serra, ex-presidente da UNE, conteve algumas falhas, uma vez que os assuntos foram colocados de forma superficial. Mesmo assim todos os estudantes estavam convictos que a UNE como a Fênix¹³ havia de ressurgir e conquistar o seu lugar; a reconstrução da UNE representava uma vitória diferente de qualquer outra, porque teve uma grande batalha entre civis e militares.

Essa luta foi pela anistia, pela Constituinte, tudo isso foi iniciado na mobilização estudantil com apoio tardio dos trabalhadores que reivindicavam liberdade sindical, melhores salários. Vários outros setores lutaram também pela liberdade democrática, desempenhando um papel fundamental na

transformação da conjuntura política que permitiu a realização do Congresso de reconstituição da UNE. Os estudantes, portanto, não lutaram sozinhos, eles obtiveram o apoio das várias camadas sociais que estavam indignadas com a repressão militar naquele contexto social.

Segundo Romagnoli¹⁴ o regime militar ainda considerava a UNE ilegal, porém não teve como reprimir o Congresso, pois o governado baiano naquela época também era contra o ensino privado e apoiava de certa forma a reunião dos estudantes.

O governo militar, o Presidente Figueiredo, promete em 1978 revogar os decretos 477 e 228 e os artigos da Lei 5540¹⁵, mas ele preferiu deixar essa revogação para um dia antes do congresso de reconstrução da UNE, visto que esse decreto era ruim para os estudantes, pois regulava a criação de ensino privado. O Presidente quis revogar o decreto as vésperas do Congresso para que os estudantes achassem que o governo estava apoiando-os. Mas o ministro da Educação, Eduardo Portella, cometeu um erro ao incentivar a implantação de faculdades privadas, isso causou um grande constrangimento e o Presidente imediatamente desautorizou o MEC a prosseguir com o projeto do ministro, e este ficou paralisado por um tempo. Após o primeiro congresso que aconteceu em Salvador, a UNE começou a divulgá-lo em outros estados.

O congresso baiano que iniciou a nova trajetória da UNE não aconteceu tranqüilamente, pois a polícia fazia barreiras para segurar os estudantes, mas não adiantou muito, pois no dia 29 de maio de 1979, cinco mil delegados estavam lá, vindos de vários Estados.

Segundo o autor da revista da UNE, os estudantes para chegar a Salvador dormiam em cima das malas, sacos e violões, mas os ânimos não

¹³ Ave mitológica que surgiu das cinzas.

¹⁴ Escritor da revista UNE.

¹⁵ Essa Lei 5540 trata da organização estudantil.

eram ruins, pois havia ônibus em que o pessoal levava cerveja em frigobar, violão para tocar durante a viagem e outros instrumentos.

Após várias dificuldades para a reunião de reconstrução da UNE os estudantes já a consideravam como um desafio. Esse desafio começou dentro dos ônibus com várias reuniões que também acabavam por criar paródias como a que um aluno criou com o nome do Presidente que dizia assim:

“ô Figueiredo, Figueiredo

Figueiredo só

Quem te ensinou a governar

Figueiredo só

Foi um tombo de cavalo

Figueiredo só

Ou o regime militar

Figueiredo só”

Finalmente eles chegam em Salvador e a reunião começa com aproximadamente dez mil pessoas para assistir à tão esperada solução para a reconstrução da União Nacional dos Estudantes. Na abertura do Congresso já se falava em disputa de tendências, acordos e conversas sobre sabotagens, isso tudo emocionava os estudantes que realmente tinha um ideal naquele lugar. As conclusões do Congresso só começaram a se efetivar após trinta e

quatro horas de reunião¹⁶. Nessa reunião os estudantes fizeram uma frase e gritavam “*A UNE somos nós, nossa força é nossa voz*”.

Naquele momento ninguém mais tinha dúvida a UNE estava renascendo depois de vários anos “calada”. Essa união de estudantes que se destacou pela sua luta e que trouxe para seu lado milhares de brasileiros indignados com o governo militar.

Esse ressurgimento da UNE veio para honrar a dignidade dos estudantes mortos, mostrar que a ditadura não manda o quanto eles pensam, veio para lutar contra a arbitrariedade e violência, veio em nome dos exilados, veio para mostrar que aquele discurso de governo reacionário era fajuto e sujo, enfim, esse ressurgimento veio para dar uma contribuição fundamental para a reconstrução da democracia brasileira. A reconstrução da UNE foi uma espécie de acerto de contas com o passado, onde como já foi dito no início desse parágrafo ela representa o sangue derramado de Edson Luís, Souza Filho, do Honestino Guimarães e outros.

A reorganização da UNE deveria ser rápida e correr contra o tempo, pois já não bastava denunciar o autoritarismo que todos estavam vendo de perto e sentindo na pele o que é viver debaixo de uma ditadura militar. Pois eles precisavam agora é viver a democracia deixando de lado o AI-5 e o decreto 477 que já pertencia ao passado, agora a luta era outra, ou seja, democracia a vante.

No discurso aos estudantes e trabalhadores em Salvador José Serra disse que a participação dos estudantes para a democracia era de fundamental importância sendo indispensável e inevitável, ele sentia que as lideranças estudantis tinham capacidade de colocar objetivos e que seriam apoiados pela população, que também queria liberdade e democracia, e também queriam acabar com o regime ditatorial. Então, a crença de que a UNE se reconstruiria

¹⁶ Revista *une* página 45.

sem apoio político e soberanamente representando toda comunidade acadêmica era o sonho de cada um presente naquele Congresso.

Essa reconstrução exercerá, segundo a ideologia deles, a prática da democracia, onde a cada instante reforçará a luta da população na conquista da tão sonhada democracia. Para eles a UNE ajudaria na total liberdade da expressão sindical e partidária, dando assim uma condição de vida mais digna para as pessoas.

A reconstrução da UNE recebeu inclusive palavras de saudação de dentro do cárcere, pois vários eram os presos políticos que estavam sendo mal tratado dentro de cadeias militares, onde recebiam todo tipo de tortura e agressão por policiais capachos do governo militar, uma das vozes que foram silenciadas naquela época agora pôde falar por meio de carta a UNE e ele dizia o seguinte:

“De dentro do cárcere do regime militar vigente, com os mesmos anseios de liberdade e justiça de dezenas de irmãos presos políticos, milhares de exilados, venho saudar o surgimento da sagrada e imortal bandeira da nossa UNE. Apesar da sanha da repressão fascista, da ditadura com seqüestros, prisões, torturas e assassinatos políticos dos nossos melhores irmãos, não permitimos que a nossa bandeira fosse rota na batalha. Agradeço profundamente a todos vocês e em particular a todas as entidades representadas nesse congresso e todas as entidades que participam da campanha da minha liberdade e pela anistia ampla, geral e irrestrita. Que essa solidariedade perdure sempre até não mais existir um preso político na nossa pátria e na nossa América Latina”¹⁷

Não só Edval deu apoio para o novo movimento estudantil renascido em 1979, outro presos políticos de vários presídios diferentes e de lugares distantes também manifestaram a alegria do ressurgimento do movimento estudantil, para alguns presos políticos esse apoio é de fundamental importância, uma vez que dá um certo moral para os novos militantes que lutam por um país justo e democrático, assim eles também escrevem cartas de apoio como é o caso dos presos políticos do Rio de Janeiro que dizia o seguinte:

“...Muitos de nós, hoje, presos políticos, enquanto estudantes participamos das jornadas de luta da UNE e todos nós, enquanto militantes políticos comprometidos na luta do povo brasileiro contra a ditadura militar e contra todas as formas de exploração e opressão, sabemos, por experiência da nossa história, o papel desempenhado pela UNE seja na defesa dos interesses dos estudantes seja na defesa dos interesses mais gerais do povo brasileiro... Assim multiplica-se as lutas por melhor condição de vida e trabalho, por liberdade de organização e expressão, pela anistia ampla, geral e irrestrita e por liberdades políticas, exigindo um novo grau de organização e consciência das massas populares, em busca de alternativas próprias e independente dos projetos burgueses”

No Congresso da UNE em maio de 1979 os mais de dez mil estudantes ouvindo Carlos Lira relembrou o Hino da Une, composto em 1963 e todos cantaram:

União Nacional dos Estudantes

Mocidade brasileira

Nosso hino é nossa bandeira

¹⁷ Edval Nunes da Silva, Cajá, que estava preso no Presídio Militar do Esquadrão de cavalaria, no Recife.

De pé a jovem guarda

A classe estudantil

Junto à vanguarda

A trabalhar pelo Brasil

A nossa mensagem

De coração é que traz

Um canto de esperança

Num Brasil em paz

A UNE reúne futuro e tradição

A UNE, a UNE

A UNE é união

A UNE, a UNE, a UNE somos nós

A UNE, a UNE

A UNE é a nossa voz.

Esse cântico reforçava a vontade deles de reescrever a história da União Nacional dos Estudantes.

Naquele momento de reunião de mais de dez mil estudantes nada saiu definido, porém propostas foram feitas durante as trinta e quatro horas de Congresso; dentre vários assuntos definidos os prioritários foram a realidade que o país estava passando, as Universidades, as lutas, o estatuto e cartas, cultura, lazer, e secretárias. Mas o que deixou todos esses alunos em êxtase foi que o principal objetivo foi alcançado, a UNE foi recriada, onde foram feitos estatutos e cartas de princípios e também houve a definição provisória da diretoria.

Enfim, a reconstrução da UNE foi debatida por mais de dez mil estudantes de várias partes do Brasil. Alunos que queriam realmente que o país mudasse e que faziam qualquer movimentação para que isso fosse possível. A UNE renasceu de suas próprias cinzas após sua interrupção, nasceu com certeza mais forte nos seus ideais e querendo mais respeito do governo brasileiro. Esse renascimento veio de idéias novas, de estudantes idealistas, desinteressados, desvinculados de interesses escusos, alunos que não participam de mordomias e que não estão acostumados com incentivos do governo, são, portanto, pessoas dos setores mais independentes, que são a favor dos trabalhadores, são pessoas que querem o Brasil de uma forma diferente que estava naquela época de repressão e perseguição. Vamos agora buscar nesse trabalho o que a Une representou para os alunos de Uberlândia, que tipo de movimentação tinha na cidade para conseguir todos os ideais que vários outros alunos no resto do país buscaram. Assim vamos ver o que os universitários faziam dentro da universidade e que tipo de discussão eles tinha.

Capítulo III

Uberlândia e Movimento Estudantil

Uberlândia não era diferente nos seus movimentos estudantis, e essa questão estudantil era mais discutida dentro da universidade e lá dentro é que quase tudo começa e em diversas horas, naquele momento não tinha com ficar marcando hora para reunião, quem estivesse dentro da faculdade e militasse no movimento já iniciava as reuniões.

Os anos de repressão também foram difíceis aqui em Uberlândia também, pois os alunos passaram por um momento de perturbação da repressão militar, mas os movimentos iniciaram principalmente nas universidades, pois os estudantes queriam a reforma educacional urgente.

Em Uberlândia em 1979, houve uma greve geral pela reconstrução da União Nacional dos Estudantes, esse movimento foi liderado por um professor. Aqui teve movimentos que apoiaram a UNE na sua reconstrução com muita luta, segundo Gilberto Neves¹⁸. Gilberto disse que o DCE liderou um movimento a favor das Diretas Já e essa foi uma hora de grande euforia para os estudantes. O movimento estudantil deu apoio para surgir outros movimentos como associações de bairros e outros movimentos sindicais. O movimento dos estudantes caiu muito, segundo ele, em relação àquela época, em lutas de aparelhos que são burocratizados, onde se discute muito mais, porém não tem força para estar atuando muito.

¹⁸ Gilberto foi militante nos movimentos estudantis em Uberlândia e hoje é Vereador pelo PT.

Para Gilberto a década de 70 e 80 o movimento sindical começou a retomar suas forças e em 1984 foi um grande movimento que revivia o movimento educacional, e queriam reformas o mais rápido possível.

Ele disse que quando José Sarney assumiu a presidência existia um projeto, que afetava o movimento e atingiu a realidade gerando algumas greves. O movimento estudantil nunca perdeu a liderança e sempre procurou lutar mesmo sozinho sem apoio de alguns políticos que na época ainda apóia o movimento, então ele nunca dependeu de apoio para se manter, pois tinha estrutura para caminhar tranqüilamente com suas “próprias pernas”.

Para Gilberto Neves é muito importante eleger para os movimentos estudantis representantes que vêm de movimentos sociais, gente que defende alguma classe popular, pois eles sim dão apoio de verdade para as lutas. Naquela época de discussões a respeito da educação, todos lutavam com força diferente de hoje que tem apenas alguns lutando. É muito positivo ter um líder que foi representante de alguma entidade como Weliton representando os estudantes, Valdir Araújo “defendendo” os professores e o Célio Moreira defendendo a classe dos transportes. Ele disse que em Uberlândia também se dava muita atenção e tratava com respeito os movimentos culturais que foi feito pelos cantores Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque e outros mais. Essas músicas contribuíram muito para que as pessoas refletissem a sua realidade na época.

Um outro militante em Uberlândia foi Deputado Gilmar Machado, ele disse que em 1979 houve uma greve na universidade onde os professores lutavam para um melhor ensino na universidade pública e as lutas eram de grande repercussão na vida acadêmica dos alunos e estes apoiavam os professores fazendo diversas manifestações dentro do campus Santa Mônica na Universidade Federal.

Eles queriam reconstruir os movimentos estudantis dos estudantes secundaristas, pois ninguém mais agüentava o regime militar, na universidade

havia um movimento a favor de retirar a ditadura e em 1981 havia uma luta para que se voltassem as eleições diretas para reitor. Gilmar Machado disse que militava em dois movimentos naquela época um deles era o movimento dos estudantes, pois, ainda fazia o terceiro período de História na Universidade Federal de Uberlândia. Apesar de fazer o terceiro período apenas, ele já dava aula e com isso militava também a favor dos professores e depois disso ele sentiu necessidade de também militar no sindicato ao fim da faculdade. Ele teve dificuldades de militar com mais intensidade por causa da grade curricular da faculdade, em que tinha períodos diferentes durante o ano letivo, ora de manhã, ora era à noite ou à tarde.

Para ele, hoje os movimentos têm dificuldade de atuação por falta de uma bandeira de luta, pois há um maior número de alunos nas faculdades particulares do que na universidade pública, com isso há uma diferença de visão sobre a educação desses dois grupos de alunos. Isso não é um gigantesco problema para Gilmar, pois deve haver uma maior integração entre os alunos da faculdade pública para realizarem um movimento que faça alguma mudança. Ele cita o exemplo que aconteceu no bloco H na época em que estudava, onde eles fizeram uma reunião entre os estudantes de História e todos compareceram, a escada do bloco H ficou cheia de alunos e isso hoje não acontece, porque se for fazer esse mesmo evento na faculdade não terá o mínimo de alunos para se fazer um debate a altura da necessidade. Segundo ele, vieram dois amigos dele um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro para fazer movimentos e refletirem a respeito da universidade pública, então havia uma integração nacional a favor de uma causa.

Segundo ele o movimento estudantil contribui muito para a sua formação e para ele cada movimento, cada militância serve para gerar mais idéias. Foi membro do D.A e do D.C.E e Vereador, isso lhe deu bagagem para ser líder. A liderança para ele é algo construído com o tempo, não se faz um líder do dia para noite.

Gilmar acha que sempre tem que formar parcerias se quiser alcançar algum objetivo, assim os movimentos criam força e contemplam idéias que precisam ser concretizadas.

O que o preocupa muito no movimento é que ele não está atuando com maior freqüência e isso esfria os movimentos, devem se fazer movimentos constantes e conseguir transformar.

Para o Deputado os movimentos dos anos 80 tinham muitas organizações com grandes movimentações como as Diretas Já, movimentos para a votação para Reitor e a constituinte de 1987. Os movimentos daquela época tinham muitos acontecimentos importantes para eles se posicionarem, a respeito, havia várias oportunidades, para ele cada tempo tem sua oportunidade. Eles tiveram essa oportunidade de ação e vários movimentos sindicais os apoiavam. Ele deixou algumas lideranças e sempre estava mudando para dar chance a outros companheiros. Deixou de vez a militância ativa quando venceu a eleição para Vereador.

Gilmar Machado disse que a sua liderança entre os estudantes foi de muita valia, uma vez que ele lutou pela classe e depois pode lutar pelos professores isso o levou, a liderança de um sindicato. *“Liderar, é uma aprendizagem que pode ter como conseqüência um cargo público quando se faz um bom trabalho. Isso é um curso natural e pode ter tanto líderes da direita como da esquerda”*.

Outro militante do movimento estudantil de Uberlândia foi o Deputado Weliton Prado ele militou no movimento estudantil nos anos 80 e 90. Nesses anos de militância ele trabalhou a favor das Diretas Já e participou também do movimento fora Collor em 1992. Ele acha que todos os movimentos devem se unir para que surja um movimento forte e foi isso que eles fizeram quando começaram a apoiar os estudantes secundaristas de Uberlândia. Para ele o governo de Fernando Henrique Cardoso não teve compromisso com o ensino

público, assim como os governos anteriores, não construiu nenhuma faculdade pública e só cortou incentivos a pesquisa e iniciação científica.

Welliton também acha que nós devemos ter uma bandeira de luta a favor da educação, inclusive os cursos técnicos estão sendo fechado, hoje temos em Uberlândia pouquíssimos cursos profissionalizantes.

Até o ensino médio está sendo cortado para pessoas que tem mais de 18 anos de idade, pois o governo estadual proibiu esses alunos de estudarem em escolas públicas e isso não está sendo discutido hoje nos movimentos, que são pouquíssimos. Segundo ele temos em Uberlândia quase dez mil alunos fora da escola por falta de vaga no estado. Ele disse que os movimentos estudantis têm que se fortalecer mais, porque isso é fundamental para que ainda construam uma realidade diferente. Ele destaca que mais uma prova de que o governo F.H.C não se preocupou com a educação é o veto que ele fez às disciplinas de filosofia e sociologia que as escolas estaduais queriam oferecer no ensino médio.

Welliton nos disse que em Uberlândia há alunos que não vão à escola por falta de dinheiro para pagar ônibus, pois não têm escolas de segundo grau em determinados bairros e isso está prejudicando o crescimento intelectual desses alunos que não têm chance de estudar. Não é só isso que atinge esses alunos, há também falta de dinheiro ou incentivo a eles para entrarem na faculdade e isso já começa pela taxa do vestibular que é muito alta e isso não está sendo discutido em nenhum movimento na cidade nesse momento.

Segundo Welliton hoje a UNE não tem políticas educacionais e está deixando a desejar a respeito do seu papel, ele acha que deve se organizar grêmios e fazer movimentos que possam lutar e rever a situação do estudante.

Welliton falou que os movimentos estudantis acabaram após o fora Collor. e ao mesmo tempo o ex-prefeito Virgílio Galassi fechou a entidade de luta dos estudantes em Uberlândia. A entidade segundo ele foi reaberta e

começou a luta pela meia entrada para os estudantes em eventos e queriam que a lei municipal, que já existia para a meia entrada, fosse respeitada. A União dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia – UESU lutava contra o boicote dos empresários, pois eles faziam e até hoje fazem eventos e lançam um preço e dão desconto e com isso conseguem vender as entradas do valor que eles queriam realmente. Outra luta que eles travam hoje é com a Secretaria de Serviços Urbanos que não faz cumprir a lei municipal que garante a meia entrada dos estudantes aos eventos. Essa meia entrada foi conseguida por meio de manifestações juvenis em 1996 sem apoio de governos, inclusive a UESU não tem apoio governamental e sobrevive apenas das pequenas taxas cobradas na emissão das carteirinhas de estudantes e alguns patrocínios.

Os movimentos em que Weliton está envolvido estão ligados aos projetos que tramitam na Câmara Municipal que fala a respeito da criação de cursinhos para as pessoas carentes e outros que tentam fazer que a universidade abaixe o valor da inscrição para pessoas de baixa renda, esses são alguns dos poucos movimentos que hoje tem na cidade, e segundo ele no passado as lutas eram mais constantes.

Outro líder de DCE foi Thomé de Freitas, conversando com ele por e-mail, me disse que deu uma entrevista para o jornal da UFU¹⁹ onde disse que foi presidente do Diretório acadêmico Genésio de Melo Pereira (Dagemp), em 1981 e 1982 e também foi presidente do DCE em 1983 e 1984. Segundo ele aquele momento foi de muita festa, mas também de luta, foi um época que *“pulsava o coração do estudante”*. Ele fez no jornal uma retrospectiva de 1979 para frente sobre o Brasil e os movimentos políticos.

Ele disse que o Dagemp era o maior Diretório Acadêmico da UFU, esse grande diretório era formado por mais de mil alunos e tinha uma força política muito atuante. Ainda segundo ele havia momentos de reuniões descontraídas em vários locais, como Teatro Oficina, com José Celso Martinez Correia; Show

¹⁹ Jornal da Universidade Federal de Uberlândia. Página 6 maio de 2009.

com Décio Marques e Jorge Mauttner; o concorridíssimo Show “Entre Amigos”, que reunia artistas da UFU; o primeiro debate fora das dependências da UFU, no primeiro processo eleitoral em que os candidatos a reitor se dispuseram a discutir com a comunidade; O Gepe – Grupo de Estudos da Política Educacional -, aos domingos à tarde, onde os alunos envolvidos lotavam as mesas para debate, havia também passeata dentro da UFU contra taxas cobradas dos alunos, havia também passeatas contra algumas leis e Atos Institucionais do governo militar, outras lutas era contra a favor da meia entrada em cinemas e outros eventos, esses movimentos e outros segundo ele tinha como inimigo número um a polícia.

Certa vez, ele conta que a repressão estava tão introjetada naquela época que vários estudantes durante uma manifestação ficaram presos dentro da Catedral de Santa Terezinha, na Praça Tubal Vilela, e precisou até da interdição do Bispo para que os líderes não fossem presos.

As eleições para o DCE em 1979 é coisa séria e que mexia com quase toda a população, pois mobilizava uma grande parte dos alunos universitários, para ver o quanto era importante a eleição do DCE, até a imprensa divulgava notas a respeito da eleição. Entre 1983 e 1984 em meio de vários assuntos importantes que mobilizavam os estudantes, a que teve maior importância foi a incorporação no seio da Universidade da Campanha pelas eleições diretas para Presidente do Brasil.

Segundo ele era tão sério o movimento dos estudantes em Uberlândia que um amigo dele já falecido, falava que o movimento das “Diretas já” nasceu em Uberlândia com o Show “Coração Civil”, em outubro de 1983 que teve na UFU no Campus Santa Mônica, a campanha nacional foi lançada em São Paulo, em 1984; seguido de grande mobilização dos estudantes, com direito a show, no centro da cidade, e abaixo assinado nos campi, e que culminou em abril de 1984 com grande comício das “Diretas já” em Uberlândia, com a presença de alguns líderes políticos e artistas nacionais como Gonzaguinha e os políticos Tancredo Neves e Ulisses Guimarães. Thomé de Freitas termina

sua fala dizendo que tem muito o que ser falado a respeito do Movimento Estudantil em Uberlândia.

E as entrevistas ainda continuam com os ex-diretores de DA e DCE, o Vereador Felipe Attie foi um militante do Movimento Estudantil, ele esteve atuante nos períodos de 1987 a 1992.

O período de militância foi na época que ele esteve na faculdade em dois cursos o de administração e de economia. Segundo ele a sua vida se resumia em faculdade, pois ficava o dia todo lá dentro e participava do conselho de DAs, como presidente, do Diretório Acadêmico da administração. Ele foi também presidente nomeado pelo conselho de DA interinamente do DCE. *“Neste momento houve uma crise muito grande né, tudo começou se não me engano em 1988 com o Senhor Rizomar que era presidente do DCE, junto com outros diretores destruíram o DCE”*, Ele como presidente do DAs fez uma investigação na diretoria estudantil da prestação de contas do DCE. Segundo ele o DCE tinha muito dinheiro naquela época, pois recebia naquele momento dos estudantes as taxas de matrículas que eram em torno de sete a oito mil alunos, onde uma parte desse dinheiro ficava para o DCE, então o DCE tinha um volume de recurso de repasse pela FAESU, e essa Fundação passava este recurso mais esta taxa que era cobrada dos estudantes. Basicamente na sua entrevista ele falou da dificuldade de administrar o DCE. Ele falou que de repente começou a atrasar o aluguel do galpão que era alugado no fundo da cidade na rua Barão de Camargos, houve protesto de títulos do DCE por todo lado, a sala começou a ser penhora porque não pagava o condomínio a meses, começou a ter sumiço de patrimônio, a Xerox do Brasil²⁰ tinha uma máquina e também começou a protestar o DCE, esse foi o panorama dos movimentos dentro da UFU na sua gestão. Ele conta que os alunos não estavam muito preocupados e o dinheiro para se investir em uma boa atuação no movimento estudantil estava todo indo para festas.

²⁰ Empresa que aluga máquinas de xerox

Então, quando foram fazer a contabilidade daquela entidade naquela época como membro do DA, presidente do DA da administração e como administrador ele fez uma profunda investigação e descobriu um verdadeiro escândalo de desvio de dinheiro dentro DCE, ele disse que os jornais da época correspondia a isto aonde esses estudante faziam verdadeiras farras e orgias, os estudante por exemplo na calourada eles faziam um pedido de cerveja não declaravam a venda dessa cerveja que tinha entrado, mas na hora de prestar conta declarava uma despesa e eles não faziam a despesa pelo pedido. Todo o dinheiro arrecadado em festas para o DCE era roubado segundo ele. Inclusive o telefone do DCE que era de uso exclusivo para marcar reuniões e fazer trabalhos de divulgação era usado para fazer ligações para o nordeste onde as pessoas usavam realmente DCE para fins impróprios, para manter encontros amorosos e sexuais o negócio rolou aos montes.

Ele disse que mesmo sendo um membro de um DA não de esquerda, porque o Movimento Estudantil esteve ligado a esquerda a radicalização PT, Pcdob ele era um homem de centro, ele conta que foi aclamado por unanimidade como interventor para resolver o problema, porque esse Rizomar já vinha com isso e quem assumiu a essa gestão foi o Sr. gigante que foi eleito com a chapa "raízes" *"se eu não me engano essa chapa raízes venceu essa eleição lá no DCE, e essa chapa continuou no mesmo ritmo porque ela era apoiada chapa pela chapa do sr Rizomar"* então, ele fala que esse Gigante assumiu e logo que ele viu o caos que estava o DCE em alguns meses ele abandonou a entidade e o negócio ficou estourado como ele tinha um grande conceito na reitoria, na fundação e uma pessoa organizada *"me entregaram para fazer o saneamento do DCE nesse ano entre 89 e 90, eu fiquei quase um ano a frente da entidade saneando a entidade numa situação difícil, pagamos as contas resolvemos os problemas organizamos a prestação de contas um trabalhão danado"*, Ele conta que DCE iria ficar sem a sala e que foi *"um rolo danado então resolvemos isso tudo ali nesse momento mas o DCE tinha o conselho de DA e quando eu levei a denuncia no conselho de DA mostrando notas de pizzarias, notas... uma verdadeira baderna no movimento estudantil"*.

Nós percebemos na fala do Felipe Attie que a coisa andava muito desorganizada no DCE daquela época e nada era feito para o estudante, pois ele só conta coisas feitas dentro do DCE só para fins particulares. Ele fica indignado contando que houve uma irresponsabilidade muito grande com dinheiro público da Fundação e também com o dinheiro dos próprios estudantes, *“da mesma que se vê nestes escândalos de corrupção do congresso não tem diferença nenhuma, só que os estudantes levam tudo na farrá”,* mas, é a mesma coisa como é dinheiro público advindo de taxa de matrícula de estudante e realmente foi o que *“podemos ver aí coisas que nem podemos falar, e aí nós pegamos isso denunciemos por toda universidade fizemos essa nomeação provisória minha pra resolver esses problemas esse pessoal sumiu dessa chapa com menos de um ano de mandato sumido desaparecido esse sr gigante desapareceu quando viu essa bomba toda envolvido nisso também e em outras irregularidades também junto com outro ex-presidente principalmente ele continuou aumentando as irregularidades os protestos e as confusões ele desapareceu ele não morava aqui ele era de outra cidade e aí eu resolvi organizar isso novamente, depois que eu organizei saneei tudo, mais pra frente os estudante estavam muito desacreditados com o movimento estudantil, porque os caras ao invés de tratar com os problemas mais práticos da universidade, eles estavam querendo fazer revolução brigar contra o governo federal o governo do município e os estudante não queriam isso, eles queriam mais benefícios saber do bom funcionamento da cantina do RU dos demais benefícios, queriam mais um pouco de pragmatismo e esse pessoal que estava no Movimento estudantil nesse período muito se desligaram da base daquilo que queria os estudantes que eram pouco mais pragmáticas a grande maioria dos estudantes então com um conteúdo muito ideológico muito teórico”*

As reuniões nos DAs eram feitas a partir da uma hora da manhã em diante ele conta e iam até às 3 da madrugada, em que haviam as discussões, era um negócio complicado, eles ficaram presos a essas discussões de dinheiro e DCE sem uma bandeira de luta. Foi complicado aquele processo e muito difícil, ele conta que realmente tiveram muitas dificuldades porque o movimento não tinha a representatividade que pensavam os estudante, normalmente votavam 30.

40% dos estudantes da faculdade, eram poucos, e esse pessoal foi cada vez mais se distanciando da base, cada vez mais achando que o DCE não resolvia nada, só aqueles mais politizados e ideologicamente ligados ao movimento de esquerda ou ligados ao movimento de direita.

Ele, então, disse que o que ele pode falar a respeito de sua passagem no movimento estudantil era isso, *“nos tivemos estes problemas fomos até presidente interino do DCE por causa disso, depois mais pra frente parte desta turma voltou novamente, a memória do povo e curta muito já esqueceram e então eles voltaram”*, ele falou que muitos eram estudantes profissionais, ele se formou e na faculdade e três, quatro anos depois eles ainda estavam lá ainda em 96 novamente, esse Gigante ele conta que sumiu largou e renunciou a presidência do DCE chegou a candidatar numa chapa novamente, não sabe se ganhou novamente, ele soube que o Gigante desapareceu uns dois anos e depois voltou fez o mesmo movimento lá dentro, e depois de 4 anos candidatou de novo parece que chegou a ganhar novamente para frente ainda, o Piau e outra turma, onde eram péssimos de notas, de freqüências e péssimos de estudos, segundo ele eram os piores da turma muito *“estudante profissionais”* *“ficaram anos e anos na faculdade 90% tinha esse problema diria 80% pra não ser ingrato, 80% seria o mais preciso, então uma coisa complicada, ali aprendi muito de política muito de debate muito de discussão foi importante minha estada lá”*. Felipe Attie deixou a universidade foi cuidar da vida, não teve nenhuma reprovação nos dois cursos que fez na universidade, de administração e economia, o Movimento Estudantil na sua época foi muito descolado da base, a base queria uma coisa e eles estavam falando de outra coisa, ficavam fazendo *“filosofia em cima do queijo”*, Ele fala que *“a verdade e esta pura ideologia, marxismo, o marxismo nos anos 80 ainda tinha uma força o muro ainda não tinha caído, então a turma delirava com comunismo com socialismo que era a solução aqueles discursos de marxista de esquerda tanto o PCB como PT e o PT e o PCB bem enfronhado nesse movimento, bem partidariado bem partidariado mesmo”*. Ele não sabe muito dos movimentos dos estudantes nas Diretas Já, porque não teve muito acesso, pois esteve na faculdade em 1987 participando do movimento estudantil em 1988 saiu do ME em 1991 em 1990 já começou a se desligar. então teve só três anos depois.

“Me desliguei já estava no fim do curso, dei minhas contribuições nos conselhos de centro nos que eu participei, em relação ao impiachment não teve nada, foi muito pouco foi muito mais pra fora Rio de Janeiro Lidemberg Faria foi até eleito deputado como o cara pintada este é o marketing dele até hoje que ele esta ai na política aqui na ufu não teve nada inda, a grande maioria não era da cidade eram todos de fora, então muito não sei mais onde eles estão”.

Considerações Finais

O movimento estudantil foi um marco muito importante para a história, não só para os estudantes, mas também para toda a sociedade que direta ou indiretamente estavam presentes em todas as fases dessa longa caminhada. Caminhada esta que foi marcada por muitas e muitas tragédias, alegrias, conquistas e derrotas, a fase de estudante é umas das mais importantes da vida do ser humano, pois na fase acadêmica é que formamos parte de nosso caráter. O movimento estudantil esteve presente nos mais importantes acontecimentos sociais e políticos da história do Brasil.

Bibliografia

ALVES, M. H. M. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Tradução de Clovis Marques. 5ª ed. Petrópolis: Vozes. 1989.

BARROS, E. L. de. *Os governos Militares*. São Paulo: Contexto, 1991.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. São Paulo: Alfa Omega, v. 1, 1976.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1987.

DIRCEU, J; PALMEIRA, V. *Abaixo a Ditadura: o movimento de 1968 contado por seus líderes*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

GORENDER, J. *Combate nas Trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. V. 3, São Paulo: Ática, 1987.

IANNI, O. *O Colapso do Populismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

NAPOLITANO, M. *O Regime militar brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998.

POERNER, A. J. *O Poder Jovem*. 4 ed. São Paulo: Centro de Memória da Juventude 1995.

SAMUEL, Rafael. "*História Local e História Oral*" in. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH marco zero, vol. 09 n.º 19, set. 89/fev. 90.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1989. – Prefácio p. 9-14 v. 2 – 11-38.

www.fened.org.br

http://www.pstu.org.br/juventude_materia.asp?id=3833&ida=42

<http://www.mme.org.br/main.asp>

<http://www.memoriaestudantil.org.br>

Fontes

Jornais

Revistas

Museu Municipal de Uberlândia

Entrevistas

Anexo

O deputado federal Gilmar Machado(PT-MG) nasceu em Cascalho Rico, MG, no dia 6 de novembro de 1961. Filho do trabalhador rural Sebastião Delfino Machado e de Maria Floripes Alves, é casado com Luíza de Marilac Barcelos Gonçalves e pai de Gustavo Barcelos Machado.

Concluiu os estudos secundários na Escola Estadual Professor José Inácio de Sousa, Uberlândia-MG, em 1979. Licenciou-se em Estudos Sociais(1983) e em História (1985) pela Universidade Federal de Uberlândia(UFU). É negro, membro de uma igreja batista e professor licenciado de História da Rede Pública de Ensino.

Fundador do PT em Uberlândia(MG), onde vive, iniciou sua atuação política no movimento popular pró-moradia. Foi militante do movimento estudantil da UFU e presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Rede Pública de Ensino desse estratégico município mineiro.

O parlamentar, com mandato de 1999-2003, apóia os pequenos produtores rurais e os trabalhadores rurais sem-terra na luta pela reforma agrária. É, ainda, militante do Movimento Evangélico Progressista-MEP, grupo que reúne cidadãos de centro-esquerda de várias denominações evangélicas. Fundado em 1990, o MEP é um contraponto à ação política conservadora das lideranças evangélicas tradicionais.

Ex-líder da bancada do PT na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, Gilmar Machado conquistou dois mandatos como deputado estadual(1991/1995 – 1995/1999).

Na Câmara dos Deputados participa ativamente dos debates sobre educação, cultura, esporte, direito dos servidores públicos, direitos dos afrodescendentes, reforma agrária, radiodifusão comunitária, democratização

dos meios de comunicação e orçamento público. Foi presidente e vice-presidente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, titular da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle, titular da Subcomissão de Desporto, titular da Comissão Especial-PEC nº. 601-A/98 – Direitos Sociais, titular da Comissão Especial PLP 9/99 – Normas Gerais - Previdência Complementar e suplente da Comissão Especial de Reforma do Regimento Interno. Exerceu, ainda, a vice-presidência da Comissão Mista para Análise da Medida Provisória 2.011-3, que instituiu a Taxa de Autorização de Bingos, titular da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização e suplente da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle.

Atualmente, é titular da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática, titular da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, Suplente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto e 2º vice-presidente da Comissão Externa destinada à acompanhar a realização das 8 audiências preparatórias da I Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, a realizar-se em agosto de 2001, na África do Sul.

Participa, ainda, da Frente Parlamentar em Defesa da Universidade Pública, Frente Parlamentar Brasil-África, Frente Parlamentar em Defesa da Radiodifusão Comunitária, Frente Parlamentar do Desporto e coordena o Núcleo de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Bancada do PT na Câmara dos Deputados.

Weliton Fernandes Prado nasceu no dia 24 de agosto de 1975 nas cidade de Uberlândia , 5º filho dentre 7 do casal Orlandino Fernandes Peixoto, marceneiro e Júlia do Prado, costureira.

Weliton, como boa parte das crianças nesse país, teve uma infância marcada pela dificuldade financeira da família tendo que trabalhar desde os 8 anos como engraxate. Weliton sempre estudou em escolas públicas de Uberlândia, isso quando conseguiu estudar porque não foram raros os

períodos em que os pais não tinham dinheiro sequer para comprar cadernos para os filhos.

Com um sentimento de que algo estava errado nessa sociedade excludente, Weliton começou a participar do movimento estudantil, constituindo grêmios estudantis e refundando a União dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia.

Em 1998, Weliton Prado foi eleito Presidente da UESU com mais de 33 mil votos, ampliando as lutas da entidade por educação de qualidade, cultura e esporte. Nesse período, Weliton foi representante dos estudantes no Conselho Municipal de Educação e participou de muitos seminários, congressos e fóruns sobre o tema educacional, adquirindo conhecimento da legislação pertinente e das diretrizes para uma política de educação popular que contemplasse todos os jovens.

Em 2000, Weliton Prado, do candidatou-se a vereador, numa campanha sem recursos, mas com grande apoio da juventude e dos movimentos sociais que contagiou toda cidade. Weliton Prado foi eleito vereador de Uberlândia/MG com 6.790 votos, a terceira maior votação na cidade, e proporcionalmente, a maior dentre os vereadores eleitos pelo PT em Minas Gerais.

Exercendo o mandato há quase 2 anos, Weliton tem se destacado pela defesa da educação, dos trabalhadores e em especial da na defesa de políticas públicas para a juventude. Weliton Prado é autor da lei de Meia Entrada em Uberlândia e têm apresentado projetos de lei de grande interesse social como o que cria o Restaurante Popular, o Passe Livre nos ônibus aos estudantes, a Educação popular e o que torna gratuito o teste da orelhinha em recém-nascidos, dentre outros.

Esse trabalho credenciou Weliton Prado para disputar as eleições como candidato à Deputado Estadual pelo Partido dos Trabalhadores, considerando também sua história de luta e enfrentamento ao Governo Estadual por mais

vagas e qualidade no ensino público contando com o apoio de diversos segmentos sociais, como professores e estudantes, trabalhadores da indústria e do comércio, sindicalistas, pequenos produtores rurais, representantes de movimentos sociais, que somaram na definição de uma proposta de atuação na Assembléia de Minas Gerais.

Weliton Prado foi eleito obtendo 69.272 votos, a maior votação entre os candidatos do Triângulo Mineiro e a 14ª de todo o Estado. A eleição de Weliton traduz-se como uma das maiores vitórias da juventude no Estado de Minas Gerais e como a consolidação do crescimento do Partido dos Trabalhadores que elegeu a maior bancada partidária no Estado, puxada pela eleição do Presidente Luís Inácio LULA da Silva.

Weliton buscará ter como prioridade a defesa da educação, por entender que os problemas de segurança pública ligado à violências e às drogas, assim como, a falta de oportunidades de emprego e a desigualdade social, podem ser solucionados com o amplo acesso dos jovens a todos os níveis de ensino com qualidade, desde as creches até a universidade. Nessa luta estão contempladas as principais demandas da juventude mineira, como mais escolas e universidades públicas de qualidade, maior acesso à cultura e ao esporte e mais respeito aos direitos conquistados, que pretende defender o Deputado.

Resumo por datas que marcaram a trajetória do movimento estudantil.

Primórdios do movimento estudantil .

Essa fase se caracteriza pelo aparecimento das primeiras organizações nacionais do movimento estudantil brasileiro, marcadas ainda por certa efemeridade.

1901

É criada a Federação de Estudantes Brasileiros, mas a entidade dura pouco tempo.

1910

É realizado o I Congresso Nacional de Estudantes, em São Paulo.

1924

Por meio da revista A Época (dos acadêmicos da Faculdade Nacional de Direito), é feita uma campanha por uma Federação de Estudantes Brasileiros.

13/8/1929

É criada a Casa do Estudante do Brasil, visando à assistência social aos estudantes e à promoção, à difusão e ao intercâmbio de obras e atividades culturais.

1930/1945

O movimento estudantil na era Vargas

A partir da Revolução de 1930, a politização do ambiente nacional levou os estudantes a tomarem parte na Revolução Constitucionalista de São Paulo e a formarem organizações como a Juventude Comunista e a Juventude Integralista. Em 1937, foi criada a União Nacional dos Estudantes (UNE). Na década de 40, era o grande marco na luta contra o nazi-fascismo.

1932

Estudantes participam ativamente da Revolução Constitucionalista de São Paulo.

1934

É realizado o I Congresso da Juventude Operária-Estudantil.

São criadas a Juventude Comunista, a Juventude Integralista, a União Democrática Estudantil, a Federação Vermelha dos Estudantes e a Frente Democrática da Mocidade.

11/8/1937

Com a instalação do I Congresso Nacional dos Estudantes, nasce a União Nacional dos Estudantes (UNE), órgão máximo de representação estudantil. A entidade começa a funcionar no prédio da Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, sob a direção de Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça.

12/1938

É realizado o II Congresso Nacional de Estudantes, no Rio de Janeiro. Preconiza a "luta pela indústria siderúrgica nacional". O gaúcho Valdir Ramos Borges é eleito o primeiro presidente oficial da UNE.

8/1939

O III Congresso da UNE elege presidente o paulista Trajano Pupo Neto. Entre outras medidas, cria a carteira única do estudante e solicita ao governo federal o reconhecimento da UNE como entidade oficial máxima de representação estudantil.

A UNE é despejada da sede da Casa do Estudante do Brasil.

3/1940

Durante a Segunda Guerra Mundial, em pleno Estado Novo, os estudantes brasileiros iniciam campanha contra o nazi-fascismo e pela redemocratização nacional. No ano seguinte, o movimento se intensificaria e passaria a exigir o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo.

7/1940

O IV Congresso Nacional de Estudantes elege o estudante de direito Luís Pinheiro Pais Leme presidente da UNE. É fundado o Teatro da UNE.

11/2/1942

Pelo decreto-lei no 4080, o presidente Getúlio Vargas institucionaliza a UNE como entidade representativa dos universitários brasileiros.

6/1942

Estudantes promovem passeatas, em diversos estados do país, contra os países do Eixo.

22/8/1942

A UNE ocupa o prédio da Praia do Flamengo, 132, onde funcionava o Clube Germânia.

14-24/9/1942

O V Congresso elege presidente da UNE o carioca Hélio de Almeida, responsável pelo primeiro recenseamento universitário. É criada a União Metropolitana dos Estudantes (UME).

26/12/1942

Começa a funcionar, na sede da UNE, o primeiro restaurante estudantii.

1/1943

A UNE lança as campanhas Pró-Banco de Sangue, Pró-Bônus de Guerra e Combate à Quinta Coluna. Patrocina também a campanha Pró-Aviões, doando três aviões de treinamento.

3/4/1943

Hélio de Almeida renuncia à presidência da UNE e é substituído pelo secretário geral da entidade, Tarnier Teixeira.

10/11/1943

O Centro Acadêmico XI de Agosto organiza a Passeata do Silêncio contra Vargas, que acaba em violenta repressão policial, com a morte do estudante Jaime da Silva Teles.

4/1944

A UNE organiza caravanas que percorrem o país, para que nesse mesmo ano siga para o front o primeiro escalão brasileiro.

3/1945

No dia 5, o estudante Demócrito de Souza Filho é assassinado, em Recife, no comício de propaganda da candidatura de Eduardo Gomes. Três dias depois, a UNE mobiliza estudantes contra a ditadura Vargas, em comício nas escadarias do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

5/1945

A criação da União Democrática Nacional (UDN), partido de oposição a Getúlio Vargas, provoca cisão do movimento estudantil, até então unificado.

O movimento estudantil no período democrático

A partir de 1947, iniciou-se a fase de hegemonia socialista na UNE, que foi até 1950. Nesse período, a entidade liderou campanhas nacionais contra a alta do custo de vida e em prol da indústria siderúrgica nacional e do monopólio estatal do petróleo (campanha O Petróleo É Nosso).

De 1950 a 1956, a UNE viveu sua fase direitista, comandada por um grupo ligado à União Democrática Nacional (UDN).

Com a esquerda de novo no poder, a UNE apoiou, em 1961, a campanha da legalidade, a favor da posse de João Goulart, e reforçou sua ação no campo da cultura com a criação do Centro Popular de Cultura e da UNE Volante.

22-28/7/1946

O IX Congresso leva o udenista José Bonifácio Coutinho Nogueira à presidência da UNE. Sua gestão é marcada pela criação de restaurantes e do balé da UNE e pela reativação do teatro da entidade, sob a direção de Sérgio Cardoso.

9/1946

Campanha contra Carestia e o Câmbio Negro.

24/9/1946

É realizado o I Congresso Paulista de Estudantes Secundaristas.

15/4/1947

Um decreto presidencial suspende a União da Juventude Comunista.

7/1947

O X Congresso da UNE elege Roberto Gusmão presidente: inicia-se o período de hegemonia socialista na entidade. A UNE lança a campanha O Petróleo É Nosso.

1948

Ocorre a primeira invasão do prédio da UNE pelo esquema policial do governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), que visa a impedir a realização do I Congresso Brasileiro pela Paz e reprimir os protestos estudantis contra o aumento do preço das passagens dos bondes.

1949

A União Metropolitana de Estudantes elege presidente da entidade Paulo Egydio Martins, da linha direitista, no então Distrito Federal.

7/1949

É realizado, na Bahia, o XII Congresso da UNE. Os estudantes conservadores, ligados a Paulo Egydio Martins, tentam conquistar a hegemonia no movimento estudantil, mas é eleito para a presidência da UNE o socialista Rogê Ferreira.

4/1950

Rogê Ferreira renuncia ao mandato três meses antes de seu término. Convoca-se, então, uma reunião extraordinária do conselho da UNE, que elege José Frejat para concluir o mandato de Rogê Ferreira. Encerra-se, assim, a fase da hegemonia socialista no movimento estudantil.

7/1950

O XIII Congresso da UNE elege Olavo Jardim Campos presidente da entidade. Começa a fase de domínio da direita na UNE.

1950

São criadas a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), associações civis pensadas como setores especializados da Ação Católica Brasileira (ACB), com o objetivo de difundir os ensinamentos da Igreja nas escolas e universidades.

6/1952

Campanha pela criação da Petrobras.

9/1954

Estudantes realizam manifestações contra fraudes nos exames.

3/1955

A UNE organiza o Mês da Reafirmação Democrática, alusivo ao 10o aniversário do assassinato do estudante Demócrito de Souza Filho.

5/1956

Estudantes realizam campanha contra o aumento da passagem de bondes no Rio de Janeiro. Vários sindicatos operários se unem aos estudantes nessa luta.

É criada, então, a União Operária-Estudantil contra a Carestia.

No dia 30, a polícia invade o prédio da UNE em repressão ao movimento.

7/1956

No XIX Congresso, os estudantes progressistas recuperam o domínio da UNE com a eleição de José Batista de Oliveira Júnior.

1957

O XX Congresso da UNE elege Marcos Heusi presidente. Inicia-se a campanha contra o American Can, empresa americana que ameaça a indústria brasileira de lataria.

1958

O XXI Congresso da UNE elege o baiano Raimundo Eirado presidente. A UNE promove uma campanha contra o Acordo de Roboré, preconizado por Roberto Campos, que atende aos interesses da multinacional Gulf, e pela abertura de CPI sobre a Shell e a Esso.

5/1960

A UNE debate a reforma universitária no país (por ocasião da discussão do projeto da Lei de Diretrizes e Bases) e realiza, em Salvador, o Seminário Nacional de Reforma Universitária, que resulta na Declaração da Bahia, considerada um dos mais importantes textos programáticos do movimento estudantil brasileiro.

1961

São criados o Centro Popular de Cultura (CPC) e a UNE Volante, ambos com o objetivo de promover a conscientização popular através da cultura.

7/1961

A eleição de Aldo Arantes (da JUC) à presidência da UNE, no XXIV Congresso, marca a ascensão católica no movimento estudantil.

8/1961

A UNE participa da Campanha da Legalidade, liderada por Leonel Brizola, pela posse de João Goulart.

A entidade transfere provisoriamente sua sede para o Rio Grande do Sul e organiza uma greve de repúdio à tentativa golpista.

17-23/3/1962

É realizado o II Seminário Nacional de Reforma Universitária, em Curitiba, que emite a Carta do Paraná, para reivindicar a regulamentação, nos estatutos das

universidades, da participação dos estudantes nos órgãos colegiados, na proporção de um terço, com direito a voz e voto.

6/1962

Surge a Ação Popular (AP) a partir de desentendimentos entre a JUC e a hierarquia religiosa.

6-8/1962

A ação dos estudantes pela reforma universitária leva à decretação de greve geral nacional, paralisando a maior parte das 40 universidades brasileiras da época.

O prédio do MEC, no Rio de Janeiro, é ocupado por três dias pelos universitários.

7/1962

O XXV Congresso Nacional dos Estudantes elege Vinícius Caldeira Brant e consolida a hegemonia da AP no movimento estudantil.

1962

A sede da UNE é metralhada por membros do Movimento Anticomunista (MAC).

1964-1974

O movimento estudantil no período da ditadura militar

Esse período foi caracterizado pela luta contra a ditadura militar e pelo retorno às liberdades democráticas.

10/4/1964

A sede da UNE é incendiada por participantes do movimento político militar.

13/4/1964

O Diário Oficial publica decreto que extingue o mandato de todos os membros do conselho diretor da Universidade de Brasília.

Ocorre uma invasão policial e a intervenção na UnB.

9/11/1964

A Lei Suplicy de Lacerda coloca na ilegalidade a UNE e as UEEs, que passam a atuar na clandestinidade. Todas as instâncias da representação estudantil ficam submetidas ao MEC.

Início de 1965

A UNE convoca um conselho para eleger, com mandato-tampão, o presidente que a chefiará até o 27o Congresso, em julho. Alberto Abissâmara, de tendências progressistas, é escolhido.

1965

IPM da UNE.

4/1965

No dia 1o, o Conselho Universitário, presidido pelo reitor Pedro Calmon, dissolve a diretoria do Caco.

No dia 12, agentes do Dops e a Polícia Militar impedem com violência uma reunião do Caco. As aulas são suspensas.

6/1965

Greve de mais de 7 mil alunos paralisa a USP.

7/1965

O 27o Congresso da UNE, em São Paulo, elege o paulista Antônio Xavier. É realizada uma campanha do movimento estudantil contra a Lei Suplicy de Lacerda.

8/1965

Surgem os Diretórios Acadêmicos Livres.

23/9/1965

São feitas manifestações contra a Lei Suplicy, no Rio de Janeiro.

De 1966 a 1973

É o período da ilegalidade.

3/1966

Uma passeata em Belo Horizonte contra o regime militar é brutalmente reprimida. A violência desencadeia passeatas estudantis em outros estados.

28/7-2/8/1966

Mesmo na ilegalidade, é realizado o XXVIII Congresso da UNE, em Belo Horizonte, que marca a oposição da entidade ao Acordo MEC-Usaid. O congresso acontece no porão da Igreja de São Francisco de Assis. O mineiro José Luís Moreira Guedes é eleito presidente da UNE.

9/1966

As aulas na Faculdade Nacional de Direito são suspensas e 178 estudantes paulistas são presos durante um congresso realizado pela UNE-UEE, em São Bernardo do Campo.

Castelo Branco cria o Movimento Universitário para o Desenvolvimento Econômico e Social (Mudes).

14/9/1966

Alunos da Faculdade Nacional de Odontologia entram em greve de protesto e colocam cartazes nas imediações da faculdade. Há choque entre os estudantes e policiais do Dops.

18/9/1966

A UNE decreta greve geral.

22/9/1966

A UNE elege o dia 22 como o Dia Nacional de Luta contra a Ditadura.

23/9/1966

A polícia invade a Faculdade de Medicina da UFRJ e expulsa estudantes com violência. O episódio ficou conhecido como o Massacre da Praia Vermelha.

8/1967

É realizado o XXIX Congresso da UNE, em Valinhos (SP), na clandestinidade. Luís Travassos é eleito presidente da entidade.

28/3/1968

O estudante Edson Luís Lima Souto é morto durante uma manifestação contra o fechamento do restaurante Calabouço.

No dia seguinte, cerca de 50 mil pessoas participam do cortejo fúnebre.

29/3/1968

A UNE decreta greve geral dos estudantes.

26/6/1968

A UNE promove a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro.

10/1968

É realizado clandestinamente o XXX Congresso da UNE, em Ibiúna (SP). São presas mais de 700 pessoas, entre elas as principais lideranças do movimento estudantil: Luís Travassos (presidente eleito), Vladimir Palmeira, José Dirceu, Franklin Martins e Jean Marc Von Der Weid.

13/12/1968

É decretado o AI-5. Centros cívicos substituem os grêmios estudantis.

1969

A UNE tenta manter uma direção com a eleição de Jean Marc Von Der Weid através dos Congressinhos Regionais.

26/2/1969

O governo Costa e Silva baixa o decreto-lei no 477, que penaliza professores, alunos e funcionários de estabelecimentos de ensino público (até 1973, esse decreto atingiria 263 pessoas, a maioria estudantes).

9/1969

O presidente da UNE, Jean Marc Von Der Weid, é preso.

1970

Com quase todas as lideranças presas ou exiladas, o movimento estudantil realiza atos isolados, dentre eles uma missa pelo segundo aniversário da morte de Edson Luís.

9/1971

Honestino Guimarães, vice de Jean Marc Von Der Weid, é efetivado presidente da UNE, em microcongresso.

1972

A AP passa a denominar-se Ação Popular Marxista-Leninista (APML).
O presidente da UNE, Honestino Guimarães, desaparece.

1973

Alexandre Vannucchi Leme, aluno da Universidade de São Paulo (USP), é preso e morto pelos militares. A missa em sua memória, realizada em 30 de março na Catedral da Sé, em São Paulo, é o primeiro grande movimento de massa desde 1968.

1974

É criado o Comitê de Defesa dos Presos Políticos na Universidade de São Paulo (USP).

1974-1984

O movimento estudantil na distensão política

Depois de um período de inatividade da UNE, em 1976, iniciou-se um movimento pela reconstrução da entidade. Favoreceu o contexto de "abertura lenta e gradual" iniciada por Ernesto Geisel (1974-1979) e aprofundada por João Batista Figueiredo (1979-1985).

1976

O I Encontro Nacional de Estudantes (ENE) inicia os debates visando à reconstrução da UNE.

1977

Os estudantes voltam às ruas, intensificando a luta contra a ditadura.

1977

Em 22 de setembro, as forças policiais da ditadura invadem o campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em repressão ao ato público realizado pelos alunos em razão do 3º Encontro Nacional de Estudantes, que havia sido proibido pelo regime militar. Cerca de novecentas pessoas são detidas.

10/1978

O IV Encontro Nacional de Estudantes, realizado em São Paulo, aprova a comissão Pró-UNE.

5/1979

O XXXI Congresso da UNE, em Salvador, marca a retomada da entidade. É eleito presidente o baiano Rui César Costa Silva.

6/1980

O prédio que sediou a UNE até 1964, no Rio de Janeiro, é demolido por ordem do presidente João Batista Figueiredo.

10/1980

O XXXII Congresso da UNE, realizado em Piracicaba (SP), elege o alagoano Aldo Rabelo (PCdoB) presidente da entidade.

11/1981

O XXXIII Congresso Nacional dos Estudantes elege Javier Alfaya, que, por ser espanhol, quase é expulso do país pelo Ministério da Justiça.

10/1982

O XXXIV Congresso da UNE elege Clara Araújo (PCdoB), a primeira mulher a ocupar a presidência da entidade.

7/1983

O governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, cede à UNE o casarão da Rua do Catete, 234, onde passa a funcionar a sede da entidade.

1-4/1984

A UNE participa ativamente da campanha das Diretas Já.

1984

A UNE apóia a candidatura de Tancredo Neves à presidência da República.

1984-dias atuais

O movimento estudantil na democracia

Desde a segunda metade da década de 80, com a posse do primeiro presidente civil desde 1964 e com o retorno às liberdades democráticas no país, o movimento estudantil brasileiro foi lentamente recuperando seu lugar e sua importância na política nacional. O grande destaque desse período foi a campanha pelo impeachment do presidente Fernando Collor, marcada pelas grandes manifestações de rua lideradas pelos estudantes "caras-pintadas".

1985

Os centros cívicos são extintos e é permitida a reorganização dos grêmios estudantis.

3/1985

É aprovado o projeto de legalização da UNE, de autoria do então deputado federal Aldo Arantes.

4/1985

O XXXVII Congresso da UNE, o primeiro pós-legalização, elege Gisela Mendonça presidente da entidade.

1986

O presidente José Sarney devolve o terreno da Praia do Flamengo à UNE.

10/1987

O XXXVIII Congresso da UNE elege indiretamente o paraense Valmir Santos (PT).

1992

Estudantes participam da campanha pelo impeachment do presidente Fernando Collor, e a UNE readquire seu prestígio político.

A UNE começa a emitir carteiras de validade nacional que dão descontos para estudantes em cinemas e teatros.

1993

A UNE promove uma campanha a favor da alfabetização e participa do Movimento pela Ética na Política.

5/1993

É feita uma manifestação contra os aumentos elevados das mensalidades escolares.

17/5/1994

O presidente Itamar Franco assina um protocolo para a devolução definitiva do terreno da Praia do Flamengo aos estudantes. O ato da entrega é comemorado no restaurante Lamas, na companhia do presidente da República.

1995

O 44o Congresso da UNE, em Brasília, elege Orlando Silva Júnior, o primeiro negro no cargo de presidente da entidade.

1995-1997

A UNE mobiliza os estudantes contra o Provão.

4/1996

A UNE promove a campanha Se Liga 16.

12/6/1996

A UNE e o grupo Tortura Nunca Mais realizam um ato público pela indenização às famílias de 17 estudantes mortos pelo regime militar.

1/1997

A UNE integra uma campanha contra a emenda da reeleição para presidente da República, governadores e prefeitos.

4-5/1997

A UNE realiza uma ação contra a privatização da Cia. Vale do Rio Doce.

7/1997

A UNE comemora 60 anos no 45o Congresso, em Belo Horizonte. É aprovada no Congresso a cota de 20% para mulheres na diretoria. Ricardo Capelli é eleito presidente da entidade.

8/1997

A UNE e outras entidades estudantis integram a campanha Sou da Paz, pelo desarmamento.

7/1999

O presidente de Cuba, Fidei Castro, participa do Congresso da UNE em Belo Horizonte. Na ocasião, Wadson Ribeiro é eleito presidente da entidade.

8/1999

É realizado o Fórum Nacional de Lutas (FNL), reunindo dezenas de organizações sob a coordenação da UNE, da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

6/2001

Em seu 47o congresso, a UNE elege Felipe Maia seu presidente.

6/2003

Gustavo Petta assume a presidência da UNE, eleito no 48o Congresso da entidade, o maior de sua história até então, com a participação de cerca de 15 mil jovens.

6/2001

Em seu 47o congresso, a UNE elege Felipe Maia seu presidente.

6/2003

Gustavo Petta assume a presidência da UNE, eleito no 48o Congresso da entidade, o maior de sua história até então, com a participação de cerca de 15 mil jovens.